

FONTE : FSP

CLASS. : 62  
Amena

DATA : 20 06 91

PG. : 6-A

## Amazônia foi paraíso do 'tour' de cinema

**ROGÉRIO SGANZERLA**

Especial para a Folha

Muito antes de a Amazônia se transformar em panteão ou santuário da temática ecológica atual, cinegrafistas anônimos embrenhavam em suas veredas para produzirem imagens desconhecidas do "inferno verde"... Infelizmente, essas imagens preciosas se perderam devido ao descaso oficial pela memória (pré-histórica).

Em 1904, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt veio conhecer a Amazônia, acompanhado de cinegrafistas que tentaram dar um caráter didático a uma expedição que poderia ser definida como uma simples caçada de animais em extinção. Rondon teve que acompanhar Roosevelt e testemunhar lances exóticos que o convenceram a também contratar um cinegrafista para capturar imagens em movimento em suas expedições, que sucederami-se durante várias décadas.

O major Thomas Reis, além de fotografar e filmar, revelava e montava seus filmes etnográficos na selva, construindo tanques de revelação nas próprias tabas que visitava e filmava. Essas imagens, inicialmente coordenadas por uma das primeiras filmotecas científicas do planeta, a cargo do professor Roquete Pinto, revelam um pesquisador incansável, um poeta voltado para a natureza tropical e etnógrafo minucioso de tribos (já então ameaçadas de desaparecimento, hoje completamente extintas, das quais só restam as imagens preciosas e fascinantes feitas a partir de 1910).

Nos anos 20, surgiu um cineasta amazonense, voltado para a paisagem luxuriante de um éden tropical, chamado Silvino Santos,

um cobra do enquadramento e dono de um poder de expressão completo. É claro que os documentários silenciosos desses sertanistas ousados eram processados e apresentados nos próprios sertões bravios em que se encontravam, com grande dificuldade de transporte e comunicação.

O Brasil, há pouco mais de sete décadas, ainda não passava de uma capitania hereditária absolutamente indevassável. Somente alguns aventureiros temerários conseguiam cruzar o sertão com uma câmera na mão... Resultado: esses filmes sempre foram sucesso popular. Desde a década de 20, registram-se casos de apresentações desses chamados "filmes naturais" que, na verdade, não passavam de vistas animadas sobre a dificuldade de se fazer turismo no Brasil daquela época...

Os talentosos irmãos Botelho apresentaram no Rio, em 1923, uma sùmula documental intitulada "No País das Amazonas". "Brasil Desconhecido" reuniu em 1928 a metragem etnográfica do competente major Luiz Thomas Reis. Em Londres e Paris, às vezes, lançavam anônimas fitas estrangeiras com alguma "macumba para turista" e documento brasileiro para inglês ver... Em 1950, o cineasta francês Henri-Georges Clouzot veio ao Brasil para fazer um documentário —idem Roberto Rossellini em 1957—, mas não conseguiu concluir ou superar as dificuldades.

Também em 1950, o sertanista Genil Vasconcelos exibiu um documentário sobre os índios xavante e cinta-larga, intitulado "Sertão — Índios do Brasil Central". Em 1955, a Maristela, de São Paulo, apresentou o primeiro documentário colorido brasileiro

(em Ferraniacolor), com participação do Teatro Popular Brasileiro, de Solano Trindade, sob o título instigante de "Magia Verde", merecendo prêmio de melhor fita da exploração e menção honrosa pelo emprego da cor em Cannes.

Na época, confundiam turismo ecológico com "fita de exploração". De qualquer forma, o exotismo da fauna e flora, combinados a uma suculenta salada de "faits divers", fizeram esses filmes abrirem caminho para a imagem de um Brasil voltado para a potencialidade de suas riquezas naturais, cada vez mais vigente. Lembre-se a eficácia das viagens filmadas por Jean Manzon com texto de David Nasser e, às vezes, do poeta Paulo Mendes Campos, para situar o "boom" crescente de um turismo cada vez mais devastador...

Também no ano de 1955, lançaram um longa-metragem sobre a floresta amazônica, relacionada com o resto do país, sob o título de "Brasil Fantástico", e a Giannelli Filmes, de São Paulo, lançava outro sobre os sertões desconhecidos. Não é preciso lembrar que todos eles terminavam com as indefectíveis imagens do rio Amazonas e outros cartões-postais. Não faltou discurso bacharelístico e o cancionista de David Nasser para nos convencer do caráter utópico dessa arrancada para o oeste que também serviu para poluir ainda mais não só o nosso país como o próprio planeta. Uma das principais contribuições foi o documentário (rodado no Alto Xingu) "Calapalo", sobre o romance da índia Diacuí com Aires da Cunha, em 1955.

ROGÉRIO SGANZERLA, 43, é cineasta, diretor de "O Bandido da Luz Vermelha", "A Mulher de Todos" e "Nem tudo É Verdade".